



RELATO DE EXPERIÊNCIA DO USO DE WEBSITES NA PRÁTICA DOCENTE E SEUS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DA APRENDIZAGEM AUTÔNOMA

EXPERIENCE REPORT OF THE USE OF WEBSITES IN TEACHING PRACTICE AND THEIR CHALLENGES IN
THE FORMATION OF AUTONOMOUS LEARNING

CASTILHO, Andressa Garcia¹; SILVA, Juliana de Araújo²; PARREIRA JÚNIOR, Walteno. Martins³.

Grupo Temático 1.

Subgrupo 1.2

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo geral analisar o uso das tecnologias da informação e comunicação na prática pedagógica. Assim como o incentivo do desenvolvimento de uma aprendizagem autônoma. A metodologia utilizada nessa pesquisa é qualitativa. Ao todo participaram desse trabalho seis gestores escolares, duas professoras e dezoito alunos da Rede Municipal de Uberlândia. Para isso, utilizamos o Google Sites como ferramenta didática em nossas estratégias pedagógicas de ensino da leitura com uma turma do quarto ano do ensino fundamental, durante o último semestre de 2019. Essa produção teve sua realização em uma instituição que atende desde a Educação Infantil até o quinto ano do Ensino Fundamental. Esse relato é baseado nas concepções teóricas sobre ensino de leitura de Smith (1989) Kleimam (1989) entre outros. Além disso, apresentamos as perspectivas sobre educação e tecnologia citadas por Moran et al. (2000) e Prensky (2001).

Palavras-chave: Tecnologias de Informação, Prática Docente e Educação Básica.

Abstract:

This work aims to analyze the use of information and communication technologies in pedagogical practice. As well as encouraging the development of autonomous learning. The methodology used in this research is qualitative. Altogether six school managers, two teachers and eighteen students from the Municipal Network of Uberlândia participated in this work. For that, we used Google Sites as a didactic tool in our pedagogical strategies for teaching reading with a fourth grade class of elementary school, during the last semester of 2019. This production took place in an institution that serves from Early Childhood Education to the fifth year of elementary school. This account is based on Smith (1989) Kleimam's (1989) theoretical conceptions of reading teaching, among others. In addition, we present the perspectives on education and technology cited by Moran et al. (2000) and Prensky (2001).

Keywords: Information Technologies, Teaching Practice and Basic Education.

1. Introdução.

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia

² Professora de Educação Básica – SSE/MG

³ Mestre em Educação e docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro



Em um contexto mundial, as organizações internacionais recorrentemente ditaram princípios que os países subdesenvolvidos deveriam seguir para alcançar seu desenvolvimento. Dentre elas, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) elaborou uma série de convicções sobre políticas educacionais em torno do mundo.

O documento coordenado por Jacques Delors (1997), denominado “Educação, um tesouro a descobrir”, discute a educação do século XXI. Esse estudo propôs alguns princípios fundamentais aos países de terceiro mundo, objetivando associar a educação com novas tecnologias para o crescimento econômico do país. Segundo a UNESCO, “[...] A tecnologia pode lançar pontes entre países industrializados e os que não o são, e levar professores e alunos a alcançar níveis de conhecimento que, sem ela, nunca poderiam atingir” (UNESCO, 1997, p. 161).

De fato, é inegável o avanço das telecomunicações nos últimos anos, haja vista os transmissores como rádios, satélites, celulares possibilitarem mudanças nas relações sociais de interação. Há cerca de cinquenta anos, uma notícia poderia demorar a chegar até outra pessoa em cidades distintas. Isso ocorria, principalmente, porque as informações eram enviadas por meio de cartas, postais, telefonemas, entre outros. Pois, essas formas de interlocução demandavam mais tempo e ônus ao remetente. Atualmente, é possível enviar mensagens com valores reduzidos por vídeo-chamada, textos, áudios e, em segundos, a informação encontrar-se disponível em outro suporte.

Todos esses aparatos tecnológicos modificaram as formas de comunicação em sociedade. Giansanti (2004) destacou como o progresso das telecomunicações possibilitou ao homem evoluir do telégrafo até os telefones, da televisão sem cores para o uso de satélites e TVs em alta definição, do rádio à internet, entre outras ferramentas que fomentaram a interlocução entre os sujeitos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, nos últimos anos, tal o desenvolvimento tecnológico no Brasil viabilizou, “[...] a possibilidade de comunicar as informações globalmente, com maior velocidade e em diferentes formatos” (BRASIL, 1998, p.136).

A área da educação, por exemplo, incorporou o uso de computadores, aparelhos eletrônicos, aplicativos e programas educacionais com o objetivo de ampliar

os processos de ensino-aprendizagem dos alunos, fomentando uma alternativa para a pedagogia tradicional⁴ e comunista⁵.

Segundo Libanêo (2011), as tecnologias educativas no ensino estariam subordinadas

⁴ Segundo Libanêo, no conceito de Pedagogia Tradicional “[...] Supõe-se que ouvindo e fazendo exercícios repetitivos os alunos “gravam” a matéria para depois reproduzi-la, seja através das interrogações do professor, seja através das provas. Para isso é importante que o aluno “preste atenção”, porque ouvindo facilita o registro do que se transmite na memória. O aluno é, assim, um receptor da matéria e sua tarefa é decorá-la” (LIBANÊO, 1994, p. 64).

⁵ Conforme o pensamento de Pistrak (2000, p. 31), uma escola comunista e a que atenda a estes ideais, deve ser pensada em termos mais concretos. É preciso que a nova geração compreenda, em primeiro lugar, qual é a natureza da luta travada atualmente pela humanidade. Em segundo lugar, faz-se necessário compreender qual o espaço que deve ser ocupado pelo adolescente. Por fim, é preciso que cada um saiba travar a luta pela destruição das formas inúteis em seus respectivos espaços, substituindo-as por um novo edifício. A pedagogia histórica não incorporou o uso desses recursos no ensino.



ao neoliberalismo⁶, que pregou o desenvolvimento tecnológico para a lógica de competitividade no mercado. Contudo, o autor adverte que a ausência dessas tecnologias acarretaria prejuízos maiores aos estudantes, porque os deixariam excluídos dessa linguagem social.

Um intenso processo de marginalização sobre o acesso aos meios digitais ocorre na atualidade, principalmente conectado aos avanços ocorridos na rede mundial de computadores que, ao longo do tempo, reconfigurou a maneira pela qual as pessoas se conectam ao mundo.

Neste contexto, o domínio do mundo da informática e o uso do computador passaram a ser exigidos em diversas situações. Visando garantir o acesso aos computadores, os Ministérios da Comunicação e da Educação instalaram telecentros em diversas regiões do país, disponibilizando equipamentos de informática e conexão em banda Larga para acesso a internet, com o intuito de reduzir a exclusão digital.

Quando pensamos na educação, a escola vem incorporando os laboratórios de informática ao longo do século XX. Esse processo apontou a necessidade de os professores incluírem essa ferramenta em suas práticas de ensino em função da expectativa de que a educação escolar acompanhe e englobe as mudanças tecnológicas/computacionais que ocorrem no mundo.

Essas modificações surgem por meio do fluxo próprio da sociedade adaptando-se à própria história do mundo, recheado de descobertas e a chegada de novas tecnologias nas áreas de processamento de dados em forma ampla. Encontramos inúmeras justificativas que explicam a aliança entre o ensino escolar e o uso das novas tecnologias, com discursos que perpassam a oportunidade de o aluno conhecer e manusear tais tecnologias, visando o domínio da ferramenta ora a preparação para o mercado de trabalho.

Com o objetivo de proporcionar o acesso às novas tecnologias, o governo vem somando esforços, na forma de políticas públicas voltadas a inserção digital, que atinjam considerável parcela dos estudantes, na tentativa da inserção de alunos no mundo da informática, espaço criado no interior da escola. O laboratório de informática e sua conexão com o ensino se configura como uma nova necessidade social para saber utilizar essa ferramenta. Esse novo cenário educacional reflete no processo de ensino e aprendizagem ao fomentar que educandos estejam atentos a essas transformações e se tornem paulatinamente mais autônomos em seu percurso escolar.

2- Desafios e possibilidades da aprendizagem autônoma

Autonomia significa liberdade, e na educação ela significa a capacidade de organização dos estudos, sem que haja uma dependência total do professor, onde o aluno é

⁶ Caracteriza-se por uma intervenção mínima do Estado na economia, ocorrendo a livre iniciativa.

capaz de administrar o seu tempo de dedicação no aprendizado e realizar as escolhas sobre as fontes de informação.

Para Freire (2008) é essencial que se respeite a autonomia do educando para que a prática educativa seja ética. Não é, portanto, um favor que se faz ao outro, e sim uma premissa imprescindível da nossa própria natureza humana.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE, 2008, p. 59)

A autonomia está diretamente ligada à decisão. O aluno quando se torna autônomo consegue definir quais suas preferências, capacidades e habilidades, e a educação cumpre o seu papel de formar indivíduos que saibam tomar suas próprias decisões, pensando e executando. Na importância de se respeitar a autonomia e a identidade do aluno, está implícita a necessidade de transformar a educação bancária, assistencialista, que enche o educando de um falso saber sem haver o diálogo, em uma educação problematizadora em que as pessoas percebam e se apropriem do mundo criticamente. A educação bancária se refere ao treinamento do aluno, em que o professor conhece e lhe deposita os conhecimentos. Esse tipo de educação é um instrumento de opressão na medida em que deixa o diálogo de lado e trata o aluno como se ele não tivesse nenhum tipo de conhecimento.

Dessa forma, de acordo com Freire (1996) “não é possível a educação bancária se tornar uma prática da liberdade sem superar a contradição entre o educador-educando, pois a partir disso surge uma nova relação, onde se é considerado que o educador ao educar está sendo também educado por seu educando”. Há a importância do diálogo, do ouvir o outro, da pedagogia problematizadora, onde os educandos são investigadores críticos sempre em diálogo com o educador.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar *sendo* com as liberdades e não *contra* elas. (FREIRE, 1987, p. 39)

Segundo Zatti (2007, p.17) a autonomia é uma condição, sua construção envolve aspectos como o poder para determinar a própria lei, este aspecto está ligado à liberdade, e o poder ou capacidade de realizar este aspecto está relacionado com a capacidade de fazer. Para que possa existir a autonomia é necessário que esses dois aspectos estejam presentes,



pois o pensar autônomo também precisa fazer autônomo. Outro pensador que fez da autonomia um dos principais objetivos da educação, foi Piaget, segundo Kamii (*apud* Zatti, 2007, p. 17),

a partir da teoria de Piaget podemos dividir a autonomia em dois aspectos, o moral e o intelectual. Para a autonomia moral, é importante que as crianças tornem-se capazes de tomar decisões por conta própria, que sejam capazes de considerar os aspectos relevantes para decidir o melhor caminho a seguir. Isso implica aprender a levar em conta os pontos de vista das outras pessoas, já que para este autor, a autonomia moral se alcança a partir da inter-relação com as demais pessoas. Autonomia intelectual é a capacidade de seguir a própria opinião, enquanto a heteronomia é seguir a opinião de outra pessoa.

Zatti (2007) fala a partir da pedagogia kantiana, que para que a educação forme sujeitos autônomos, ela deve unir a experiência à razão, pois se o indivíduo se basear somente pelo raciocínio puro ele estará alheio à realidade e não haverá a superação da heteronomia, e caso se guie só pela experiência também não haverá a autonomia, pois, segundo Kant a autonomia acontece quando o indivíduo segue a lei que sua própria razão proporciona.

Segundo Apple (*apud* SILVA, 1999) o currículo escolar e as aulas estão organizados de forma a não considerar a trajetória de vida dos alunos e fragmentar o conhecimento, criando muros entre as disciplinas, que separam conteúdos e professores. Essa forma de organização tem uma intencionalidade o que torna necessário educar para um olhar crítico diante do currículo escolar, estabelecendo uma conexão deste com a vida de todas as crianças na escola, pois ele se torna inútil se não há esta relação. Ainda para Apple (*apud* SILVA, 1999, p. 45) “há uma clara conexão entre a forma como a economia está organizada e a forma como o currículo está organizado”, portanto, tal intencionalidade no currículo está atrelada ao poder dominante e o seu desenvolvimento econômico e produtivo, à cultura instalada para o consumo. Mas se entendemos o currículo como um processo desenvolvido no campo cultural e em meio as relações de poder, acreditamos na possibilidade de questionar sua organização. Neste sentido, os professores deveriam compreender, tentar elencar e criar instrumentos que nos permitam fugir dessa visão arcaica de escola, voltada para formação ao mercado de trabalho, para a dinâmica da sociedade capitalista que gira em torno da dominação de classe daqueles que detêm a propriedade e os recursos sobre aqueles que vendem a força de trabalho.

Apple (2009) afirma que é tarefa dos educadores críticos não só fazer análise crítica, mas também atuar como voz de todos aqueles que foram silenciados. O que nos chama a atenção para fala de Apple é que todos nós possuímos voz, mas nem todos são ouvidos, assim o autor deixa claro que como educadores devemos ouvir as classes mais baixas e buscar entender porque elas foram silenciadas, pois a maioria dos alunos não é formada para atuar de forma crítica na sociedade, mas sim para receber um conhecimento que já está pronto e aceitá-lo.

3- A prática docente mediada por tecnologias da comunicação e educação.



Ao refletir sobre esse contexto e como poderíamos utilizar isso em benefício das práticas pedagógicas decidimos que nossas aulas dedicadas a leitura ocorreriam com o auxílio de tal recurso.

O **Websites Google** é uma ferramenta estruturada para criação de páginas da Web, cujo objetivo é que qualquer pessoa possa criar sites simples que ofereçam suporte à colaboração entre diferentes editores. No desenvolvimento deste trabalho, utilizamos postagens de áudios, em formato de podcast e vídeos produzidos pelos alunos como forma de avaliação da aprendizagem.

Dentro do processo de escolarização, a prática da leitura é, geralmente, associada à execução de tarefas escolares. Quando isso ocorre, alguns alunos a realizam envolvidos por sentimentos de desânimo. Em algumas vezes, a escolha de determinada obras e livros pelos alunos fica subjugada ao número de páginas. Dessa maneira:

[...] A leitura pode tornar-se uma atividade desejada ou indesejada. As pessoas podem torna-se leitores inveterados. Também podem tornar-se não-leitores inveterados, mesmo quando são capazes de ler. Uma tragédia da educação contemporânea não é tanto de muitos estudantes abandonarem a escola incapazes de ler e de escrever, mas que outros se formam com uma antipatia pela leitura e escrita, apesar das habilidades que possuem. Nada, acerca da leitura e de instrução, é inconsequente. (SMITH, 1989, p. 212-213).

Com isso, percebemos que vários alunos tinham dificuldade de leitura no quarto ano do ensino fundamental. Esse mesmo desânimo apresentado por SMITH (1989) era percebido dentro de minha sala quando tratamos de leitura associada às tarefas escolares. Nesse contexto, de acordo com Gomes e Lazo (2015)

Vivemos dentro de um contexto da sociedade digital, em que a troca do paradigma educativo está além da introdução das tecnologias de informação e comunicação e dos dispositivos no sistema tradicional. O crescente desenvolvimento das tecnologias digitais leva a parte da comunidade educativa a refletir sobre os princípios pedagógicos que prevalecem em sala de aula (GOMES; LAZO, 2015, p. 143, nossa tradução).⁷

O docente que utiliza esses recursos tem a possibilidade de ampliar seus processos de ensino, uma vez que ele conhece outras metodologias como alternativa didática. Esse saber permite ao docente, além das possibilidades de elaboração de suas aulas, também viabiliza orientar e acompanhar o uso de seus alunos.

Ao partimos do princípio que o ato de ler é uma prática social como apontado por Chatier (1999). Discutimos sobre a importância de introduzir essas tecnologias dentro das práticas de ensino como estratégia didática. Vale ressaltar que a nossa sociedade modificou-

⁷ Texto original: “En el contexto de la sociedad digital, el cambio de paradigma educativo va más allá de la introducción de TIC y de dispositivos en los sistemas tradicionales. El creciente desarrollo de las tecnologías digitales lleva a parte de la comunidad educativa a reflexionar sobre los principios pedagógicos que prevalecen en las aulas”.



se de tal modo que os alunos são ávidos por utilizar recursos midiáticos. Prensky (2001) denominou essa geração de alunos como “nativos digitais”, em outras palavras, um sujeito que nasce em meio a uma geração tecnológica e informativa. A principal característica deles é a capacidade de recebimento de informações, porque é comum a esses alunos estudarem e ouvirem músicas, realizar múltiplas tarefas, entre outros. A esse respeito, Prensky afirma que:

Infelizmente para os nossos professores Imigrantes Digitais, as pessoas sentadas em suas salas cresceram em uma “velocidade rápida” dos videogames e MTV. Eles estão acostumados à rapidez do hipertexto, baixar músicas, telefones em seus bolsos, uma biblioteca em seus laptops, e mensagens instantâneas. Eles estiveram conectados a maior parte ou durante toda sua vida. Eles têm pouca paciência com palestras, lógica passo-a-passo, e instruções que “ditam o que se fazer” (2001, p. 3, nossa tradução).

Aliado a essas características no perfil dos alunos, o número de dados que essas crianças e adolescentes tem contato é superior às outras gerações. Moran et al. (2000) apontam que os jovens, com esse perfil, geralmente, gostam de tudo que é instantâneo:

[Eles] [...] Adoram as pesquisas sincrônicas, as que acontecem em tempo real e que oferecem respostas quase instantâneas. Os meios de comunicação, principalmente a televisão, vêm nos acostumando a receber tudo mastigado, em curtas sínteses e com repostas fáceis. O acesso às redes eletrônicas também estimula a busca *on-line* da informação desejada. É uma situação nova no aprendizado. Todavia, a avidez por respostas rápidas, muitas vezes, leva-nos a conclusões previsíveis, a não aprofundar a significação dos resultados obtidos, a acumular mais quantidade do que qualidade de informação, que não chega a transformar-se em conhecimento efetivo (MORAN et al., 2000, p. 20-21)

A avidez por respostas instantâneas também marca essa geração. Ao toque de um clique dentro da internet é possível encontrar informações em diferentes suportes. Na maioria das vezes, as respostas são rápidas e as informações superficiais, fato que acarreta em uma formação de jovens que se contentam com a instantaneidade. Pensando em toda esse movimento da sociedade e sua introdução na escola vamos expor nossa prática pedagógica com o uso desse recurso.

3.1- O uso de *websites* na prática docente.

Essa experiência aconteceu em uma escola municipal da cidade de Uberlândia. Essa escola está situada na região Oeste da cidade, e fica localizada a cerca de seis quilômetros do região central Uberlandense. Essa instituição atende desde a educação infantil até o quinto ano do ensino fundamental. A sala em que utilizamos o website para o ensino da leitura é formada, aproximadamente, dezoito alunos com frequência contínua. Desse total, tínhamos quinze alunos com celular diariamente na sala. Os outros tinham acesso ao aparelho em sua residência e nas aulas de informática da escola aprendiam como utilizar e acessar o site. Nessa instituição desde a educação infantil os alunos tem uma hora por semana com aulas no laboratório de informática com professores e tutores.



O nosso primeiro desafio foi conseguir trabalhar a leitura de modo que as crianças pudessem se interessar e se tornar leitores fluentes. No ensino fundamental, de acordo com a Legislação Nacional, o primeiro, segundo e terceiro ano são considerados os ciclos de alfabetização. Nesse sentido, a criança deverá sair apta a ler qualquer texto da sua língua materna com fluência. Contudo, essa não é a realidade dessa sala, e como professoras alfabetizadoras acompanhamos a dificuldade que alguns alunos encontram para conseguir ler, depois de completarem esse ciclo.

Ao deparar com a realidade daquelas crianças, começamos a perceber que eles adoravam utilizar o celular e ler algumas mensagens nesse suporte. Dessa forma, necessitávamos acompanhar, individualmente, cada dificuldade de leitura para tentar estabelecer uma estratégia didática mais adequada para cada criança. Sendo assim, ao invés de “tomar leitura”⁸ o que era um processo desgastante, afinal demorava grande parte do período de aulas, por isso fizemos o uso dos áudios enviados por aplicativo para publicação no websites como ferramenta de avaliar essa atividade.

Inicialmente, criamos uma página pública e demonstramos aos alunos como visualizar e onde seriam postados os trabalhos. Todos os alunos antes de ingressarem nesse projeto tinha um bilhete de autorização de divulgação de imagens e postagens. Solicitamos que aqueles pais que tivessem interesse ou condições de auxiliar no projeto seriam bem vindos.

Então, ao criarmos o site tínhamos alunos, pais e gestores envolvidos. Toda semana esses alunos, buscavam livros na biblioteca, porque a escola concede o empréstimo uma vez por semana. Com isso, decidimos que todo livro escolhido deveria ser lido e o gravado com o áudio no telefone celular. Os pais receberam orientação de como utilizar a ferramenta, mas todos os alunos já haviam realizado pelo menos uma vez com orientação do professor na escola como utilizar o recurso. Os alunos que não levavam celular podiam realizar a atividade na escola com o auxílio dos gestores e a professora.

Elaboramos uma série de aulas com os alunos e utilizamos o laboratório de informática da escola para ensinar como eles poderiam utilizar esse recurso. Os que apresentaram dúvidas, já conheciam, mas não sabiam gravar e pediam ajuda aos responsáveis. Dentre a motivação dos alunos estava a interligação ao fato de produzir uma mídia e publicar no site com auxílio do professor.

Assim, toda semana, quando os alunos pegavam os livros, era solicitado como tarefa de casa que enviassem o áudio com o conteúdo do livro para o whatsapp da professora. Toda quinta-feira era dedicada a leitura e produção do áudio que deveria ser enviado até segunda para postagem. Além disso, tinham uma ficha literária geral para aferir se entenderam o que estavam efetuando a leitura.

⁸ Termo utilizado quando os professores solicitam aos alunos para ler em voz alta determinado texto, frase, palavra. Esse tipo de expressão define um modo particular de o aluno ler em voz alta para o professor avaliar sua leitura.



4- Considerações finais

Nesse relato de experiência ressaltamos a importância da leitura, ora despercebida ou renegada pelos alunos porque eram interligadas as tarefas escolares sem conceder nenhum atrativo à realidade dos discentes, para Kleiman (1989, p.13),

O processo de ler é complexo. Como em outras tarefas cognitivas, como resolver problemas, trazer a mente uma informação necessária, aplicar algum conhecimento a uma situação nova, o engajamento de muitos fatores (percepção, atenção, memória) é essencial se quisermos fazer sentido do texto.

Com base nesse relato, percebemos o quanto é importante pedir aos alunos que eles desenvolvam trabalhos ou atividades que façam parte da realidade que vivenciam. Durante a reunião com os pais, percebemos relatos de como os alunos mudaram o comportamento em relação a leitura em casa, como aqueles áudios faziam “sucesso” quando compartilhados e, principalmente, que os alunos relatavam gostar de trabalhar daquela forma. Percebemos que com o passar do tempo, algumas trocas de palavras e a insegurança dos primeiros áudios foram deixando de existir e progressivamente, os alunos sentiam-se mais seguros e empenhados na tarefa. Alguns alunos ao longo do tempo começaram a produzir vídeos nos quais efetuavam leitura de outras histórias. Isso tornou-se uma motivação para continuarmos e estendermos nosso trabalho para outras disciplinas no semestre seguinte.

Alguns pontos negativos que podem ser encontrados em outras salas de aula, são o acesso a internet ou os alunos terem condições financeiras para adquirir o aparelho. Alternativas que podem ser superadas por um computador na escola que tenha microfone. Digo isso, porque devido aos recursos e programas federais, como o Proinfo⁹, muitas escolas possuem esse tipo de equipamento.

Posteriormente, pretendemos aprofundar na temática com o auxílio de outras ferramentas com objetivo educacional. Contudo, acreditamos que os estudos aqui apresentados possam contribuir com a tarefa de fazer a leitura ser algo motivador para os processos de ensino aprendizagem dentro da escola.

Ademais, destacamos a leitura como algo essencial para a consolidação do ciclo de alfabetização das crianças. Nessa fase os processos de escolarização são pautados em ensino aprendizagem que permita ao aluno sair com as habilidades consolidadas. Porém, vivemos em uma sociedade permeada por recursos midiáticos que fazem parte do cotidiano dos alunos. Por isso, a junção desses recursos, associados ao ensino, ampliam as possibilidades de atingir uma aprendizagem próxima da vivência dos alunos.

Ressaltamos a importância desse relato para construirmos com os alunos práticas pedagógicas que contemplem os mais diferentes tipos de conhecimento. Conseguimos

⁹ É um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica.

O programa leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contrapartida, estados, Distrito Federal e municípios devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para uso das máquinas e tecnologias.



continuar priorizando o conteúdo, mas diversificamos os caminhos de produção do conhecimento por meio das TICs. Portanto, acreditamos que tal recurso contribui com a dinâmica dos trabalhos desenvolvidos em sala e consideramos essa experiência como positiva porque permitiu tanto aos alunos quanto docentes refletirmos sobre o modo como utilizamos um recurso favorável a construção de nossos conhecimentos.

5- Referências

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998. 174 Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

CHATIER, R. **Aventura do livro do leitor ao navegador.** Editora Unesp, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Paz e Terra. São Paulo, 2008.

_____. Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários á prática Educativa. 1996.

_____. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIANSANTI, F. **Tecnologia e Sociedade no Brasil Contemporâneo.** (2004). Editora: Global.

GÓMES, C. V e LAZO, C. M. **Modelo de integración educomunicativa de pps'móviles para la enseñanza y aprendizaje.**Revista de Medios y Educación. Nº 46. p. 137 a 153. Disponível em: <<http://acdc.sav.us.es/pixelbit/images/stories/p46/09.pdf>> Acesso em: 01 abril. 2020.

KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa.** Campinas, SP. Ed pontes, 1989.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. Edição, São Paulo: Cortez, 2011.

PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants.** On The Orizon – Estados Unidos – NCB University Press, v.9, n.5, Oct., 2001. Disponível em: < <http://www.hfmboces.org/hfmdistrictservices/techyes/prenskydigitalnatives.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. Tradução: Daniel Aarão Reis Filho São Paulo: Expressão Popular, 2000.

MORAN, J. M, MASETTO, M; BEHENS, M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.

SILVA, E. T. da. **Elementos da Pedagogia da Leitura**. 3º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 199.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura**: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler/Trad. Daíse Batista. - 4ª edição. Porto Alegre. Editora: Artes Médicas, 1989.

UNESCO. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI: EDUCAÇÃO UM TESOURO A DESCOBRIR..** Disponível em:

<http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf> >

Acesso em: 17 mar. 2020

ZATTI, Vicente - Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.